

Quer investir em fundos?



São Paulo, domingo, 22 de fevereiro de 2009

FOLHA DE S.PAULO **saúde**

[Próximo Texto](#) | [Índice](#)

História

Uma segunda chance

A bailarina Liliana Pelucio relata como quase morreu por conta de uma gripe que se transformou em sepse

Marisa Cauduro/Folha Imagem



A professora Liliana Pelucio, que tinha deficiência nutricional

CLÁUDIA COLLUCCI
DA REPORTAGEM LOCAL

Doze horas após chegar ao pronto-socorro do Hospital Israelita Albert Einstein se queixando de dor abdominal, náuseas e vômito, a bailarina Liliana de Almeida Souza Pelucio se viu à beira da morte: apresentava insuficiência respiratória gravíssima, queda brusca da pressão arterial e

falência dos rins. Nessas circunstâncias, o risco de morte é de 90%.

"Foi muito rápido, galopante. Ela entrou às 17h no PS, às 23h estava sendo entubada, e às 7h já estava com três falências orgânicas. Ela tinha tudo para evoluir muito mal", conta o médico intensivista Gustavo Faissol Janot de Matos.

Liliana, porém, não se lembra de nada. O último registro que ela tem é que naquele 11 de setembro de 2008 acordou indisposta e não conseguia sair da cama. Estava gripada havia três ou quatro dias e tinha tentado aliviar os sintomas com analgésicos e soluções caseiras.

"Meu marido se assustou quando viu o meu estado e resolveu me levar correndo ao hospital. A última coisa que eu me lembro é dos momentos antes de sair de casa. Depois, não lembro de mais nada. Soube que, por duas vezes, fui reanimada com noradrenalina [droga usada em tratamento do choque, que aumenta a contração cardíaca e a condução do estímulo cardíaco]. A sorte é que meu coração aguentou", diz Liliana, 40, mãe de duas garotas, de 12 e 16 anos.

Tudo começou com uma gripe mal curada, que virou pneumonia, que evoluiu para sepse -uma resposta inflamatória exacerbada do organismo a uma infecção. Em janeiro, a modelo capixaba Mariana Bridi morreu em razão dessa doença, surgida a partir de uma infecção urinária.

Pacientes imunodeprimidos têm mais chance de desenvolvê-la.

Liliana estava muito próxima dessa condição, embora ela também não soubesse disso. Bailarina desde três anos de idade, ela pesava apenas 47 kg, distribuídos em 1,67m. "Meu exame de sangue parecia de adético. Faltava tudo, minerais, potássio, magnésio. Tudo estava abaixo do desejável."

Por conta da respiração artificial, Liliana foi colocada em coma induzido. "Acordei sete dias depois com uma sensação muito esquisita. Sentia muita dor, estava muito inchada e confusa por conta dos remédios. Fiquei nervosa, tentava arrancar a máscara de ar, as sondas e os cateteres, e eles tiveram que me amarrar. Pedia muita força para a minha mãe que já morreu. Ficava lembrando das músicas que ela cantava na minha infância."

O grau de dependência na UTI era tamanho que Liliana se sentia, de fato, uma criança. "Usava fraldas, recebia comidinha líquida na boca, tive que reaprender a andar. Para dar uns passos no corredor, era como se eu estivesse disputando uma maratona de 40 km."

Com a sensação de impotência, veio a culpa por ter descuidado tanto tempo da sua alimentação. "Ainda na UTI eu dizia: nunca mais vou ficar sem comer, não quero mais ser tão magra. Eu realmente não me alimentava direito. Comia muita salada, pouquíssimo carboidrato, não comia carne vermelha, arroz, feijão. Não tinha um equilíbrio de

nutrientes."

E, além disso, gastava muita energia. "Acordava, levava as meninas para o colégio e dava aula de balé até o horário do almoço. Depois, comia uma salada e continuava com as aulas na academia até o final da tarde. De terça e quinta, emendava com aulas de espanhol das 19h às 22h. E quando eu chegava em casa, como já estava tarde, comia outra salada."

A restrição alimentar foi desenvolvida na adolescência, quando a carreira de bailarina começou a deslanchar. "Em cada companhia que eu entrava, era sempre a mesma coisa: tem que perder peso. E eu nunca fui gorda. Aos 17 anos, a pressão era tanta que entrei num processo de quase anorexia."

A única fase da vida em que a bailarina se permitiu engordar -dez quilos, no máximo- foi durante as gravidezes das duas filhas, aos 23 e 27 anos. "Comia para me alimentar, não que tivesse prazer em comer."

Após a alta, Liliana passou a ser acompanhada por uma nutricionista e já conseguiu normalizar os índices nutricionais. Passou do manequim 34 para 36 e voltou a dar aulas.

Ela diz que ainda estranha o fato de comer de três em três horas e estar se aproximando da casa dos 50 kg. "Antes, quando chegava aos 49 kg, morria de culpa. Agora não. Estou me sentindo mais bonita."

Liliana também afirma que passou a rever seus valores, dando mais atenção à família. "Se alguma coisa não está legal, quero resolver na hora porque penso: "amanhã posso não estar aqui". Tive uma segunda chance de vida. E quero viver essa nova vida intensamente."

Próximo Texto: [Plantão Médico: Transtornos alimentares](#)
[Índice](#)